

A FINITUDE HUMANA: REFLEXÕES FILOSÓFICAS SOBRE O EXISTIR E O MORRER

HUMAN FINITUDE: PHILOSOPHICAL REFLECTIONS ON EXISTENCE AND DEATH

KEPLER, Rosilei dos Santos Rodrigues¹

PALOSCHI, Aline Sabino da Silva²

PEREIRA, Tiago Luiz³

FURINI, Fernanda⁴

CAOVILLA, Ariella Luisa⁵

¹ Psicóloga. Doutora em Educação. Docente do Curso de Psicologia da UCEFF – Centro Universitário FAI, São Miguel do Oeste (SC).

²Psicóloga e Pedagoga. Mestra em Educação. Docente do Curso de Psicologia da UCEFF - Itapiranga.

³Mestre em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais. Professor e Coordenador do curso de Psicologia do Centro Universitário UCEFF/ Itapiranga, SC, Brasil.

⁴Psicóloga e Pedagoga. Mestra em Educação. Docente do Curso de Psicologia da UCEFF - Itapiranga.

⁵Psicóloga. Docente do Curso de Psicologia da UCEFF - Itapiranga.

Autor Correspondente: Rosilei dos Santos Rodrigues Kepler (e-mail: rosilei.kepler@uceff.edu.br)

Resumo

A morte constitui uma realidade universal e inevitável, sendo também uma das questões centrais da existência humana e do pensamento filosófico. Este artigo tem como objetivo compreender as diferentes concepções filosóficas acerca da morte, da finitude e do sentido da existência. Trata-se de um estudo teórico, de caráter bibliográfico e abordagem qualitativa, fundamentado nas contribuições de filósofos clássicos, modernos e contemporâneos. São apresentadas as

perspectivas de Sócrates, Platão, Epicuro, Lucrecio, Sêneca, Cícero, Santo Agostinho, Montaigne, Kierkegaard, Schopenhauer, Heidegger e Camus. As reflexões analisadas demonstram que a morte pode ser compreendida como libertação da alma, privação das sensações, processo natural, condição constitutiva da existência, fonte de angústia ou expressão do absurdo da vida. Apesar das diferenças entre essas concepções, observa-se que a consciência da finitude pode contribuir para a valorização do tempo, para o reconhecimento dos limites humanos e para a construção de uma existência mais autêntica e significativa. Refletir sobre a morte não significa negar ou desvalorizar a vida, mas reconhecer sua temporalidade e buscar formas mais conscientes de viver. A filosofia, portanto, oferece importantes fundamentos para compreender o morrer, enfrentar o medo da finitude e atribuir sentido à existência humana.

Palavras-chave: Morte; finitude; existência humana; filosofia; sentido da vida.

Abstract:

Death is a universal and inevitable reality and one of the central issues of human existence and philosophical thought. This article aims to understand the different philosophical conceptions of death, human finitude, and the meaning of existence. It is a theoretical study based on a qualitative bibliographic approach, grounded in the contributions of classical, modern, and contemporary philosophers. The perspectives of Socrates, Plato, Epicurus, Lucretius, Seneca, Cicero, Saint Augustine, Montaigne, Kierkegaard, Schopenhauer, Heidegger, and Camus are presented. The reflections analyzed demonstrate that death may be understood as the liberation of the soul, the deprivation of sensations, a natural process, a constitutive condition of existence, a source of anguish, or an expression of the absurdity of life. Despite the differences among these conceptions, awareness of human finitude may contribute to a greater appreciation of time, the recognition of human limitations, and the construction of a more authentic and meaningful existence. Reflecting on death does not mean denying or devaluing life; rather, it means recognizing its temporality and seeking more conscious ways of living. Philosophy, therefore, provides important foundations for understanding death and dying, confronting the fear of finitude, and attributing meaning to human existence.

Keywords: Death; Human Finitude; Philosophy; Meaning of Existence; Thanatology.

1 INTRODUÇÃO

A morte integra a condição humana e constitui um fenômeno inerente ao ciclo da vida de todos os seres vivos. Entretanto, o ser humano distingue-se das

demais espécies por possuir consciência de sua própria finitude, reconhecendo que sua existência é limitada no tempo. Essa consciência pode despertar sentimentos como medo, angústia e insegurança, mas também favorecer reflexões sobre o tempo, as escolhas e o sentido atribuído à vida.

Ao longo da história, a morte ocupou lugar de destaque no pensamento filosófico. Desde a Grécia Antiga até a filosofia contemporânea, diferentes pensadores buscaram compreender o morrer, a relação entre corpo e alma, a possibilidade de continuidade da existência e os efeitos produzidos pela consciência da finitude. Conforme Santos, a morte ocupa posição central em diferentes correntes filosóficas, sendo interpretada de acordo com os contextos históricos, culturais e teóricos em que cada pensamento foi elaborado¹.

O próprio conceito de morte admite diferentes possibilidades de compreensão. Luper explica que o termo pode designar tanto o processo de morrer, pelo qual a vida chega ao fim, quanto a condição decorrente do término da existência². Essa diversidade evidencia que a morte não se restringe a um acontecimento biológico, envolvendo também dimensões filosóficas, sociais, culturais e existenciais.

Vida e morte encontram-se intrinsecamente relacionadas à temporalidade. Embora o ser humano reconheça que sua existência é finita, desconhece quanto tempo ainda lhe resta ou o momento em que sua trajetória chegará ao fim. Para Tonnetti e Meucci, a morte não anuncia sua chegada, permanecendo como uma das poucas certezas da condição humana³. Assim, refletir sobre a finitude implica também pensar na forma como cada indivíduo utiliza seu tempo e constrói sua existência.

As diferentes concepções filosóficas revelam que a morte pode ser compreendida como libertação da alma, ausência de sensações, processo natural, fonte de angústia, expressão do absurdo ou condição constitutiva da existência. Apesar de distintas, essas perspectivas procuram responder a questões fundamentais: por que o ser humano teme a morte? A morte representa necessariamente um mal? De que maneira a consciência da finitude influencia o modo de viver?

Diante dessas questões, este artigo tem como objetivo compreender as diferentes concepções filosóficas acerca da morte, da finitude e do sentido da existência humana. Trata-se de um estudo teórico, de caráter bibliográfico e abordagem qualitativa, fundamentado nas contribuições de filósofos clássicos, modernos e contemporâneos. Por meio dessas reflexões, busca-se analisar de que maneira o pensamento filosófico pode contribuir para a compreensão do morrer, para o enfrentamento do medo da morte e para a construção de uma existência mais consciente, autêntica e significativa.

2 CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS SOBRE A MORTE E A FINITUDE

A morte constitui a única certeza da condição humana, evidenciando a finitude de todos os seres vivos e lembrando que a existência é necessariamente limitada. Nessa perspectiva, Tonnetti e Meucci afirmam que a morte é a paladina da humanidade, isto é, a mensageira da natureza finita da existência humana³. Para os autores, ao deparar-se com a morte, o ser humano reconhece que sua vida não é eterna e que sua trajetória possui um limite inevitável. Assim, anunciar o fim da existência significa reconhecer o encerramento da experiência humana e de todas as possibilidades que a acompanham.

Ainda segundo Tonnetti e Meucci, a morte também representa um elemento de igualdade entre todos os seres vivos³. Independentemente de suas características biológicas ou da complexidade de sua organização, todos compartilham a mesma condição de finitude. Desde os organismos mais simples, como fungos e bactérias, até as plantas, os animais e os seres humanos, a morte constitui um destino comum, revelando-se como uma expressão da igualdade entre todas as formas de vida.

Ao longo da história, a filosofia também buscou compreender o significado da morte, oferecendo diferentes perspectivas sobre o existir e o morrer. Conforme Santos e Incontri, nos escritos dos filósofos da Antiguidade, a morte tornou-se objeto de reflexão racional, sendo compreendida a partir da experiência da morte do outro, uma vez que o ser humano não pode experimentar a própria morte enquanto permanece vivo⁴.

Segundo Santos e Incontri, Sócrates atribuía à morte um significado essencial para a existência humana⁴. O filósofo compreendia que a morte possibilitava à alma separar-se do corpo e aproximar-se do verdadeiro conhecimento. Por essa razão, afirmava que os verdadeiros filósofos estariam preparados para morrer, pois dedicavam a vida à busca da verdade e da essência da existência.

Na mesma direção, Platão, conforme apresentado por Santos e Incontri, defendia que a morte deveria ser compreendida com racionalidade e serenidade⁴. Para o filósofo, o exercício da filosofia constitui uma preparação para a morte, pois conduz o indivíduo ao desapego das limitações do corpo e o aproxima da verdadeira sabedoria.

No diálogo *Fédon*, Platão situa a morte como uma condição natural da existência humana⁵. Para o filósofo, é inconcebível que aquele que se dedica verdadeiramente à filosofia passe a vida sem refletir sobre a morte. Assim, afirma:

Receio, porém, que, quando uma pessoa se dedica à filosofia no sentido correto do termo, os demais ignorem que sua única ocupação consiste em preparar-se para morrer e em estar morto! Se isso é verdadeiro, bem estranho seria que, assim pensando, durante toda sua vida, que não tendo presente ao espírito senão aquela preocupação, quando a morte vem, venha a irritar-se com a presença daquilo que até então tivera presente no pensamento e de que fizera sua ocupação.

Para Platão, refletir sobre a morte constitui uma tarefa nobre, própria daqueles que buscam a sabedoria⁵. A prática filosófica representa um exercício contínuo de preparação para a separação entre a alma e o corpo, de modo que a morte possibilita à alma libertar-se da matéria e alcançar o verdadeiro conhecimento. Nesse sentido, o filósofo afirma:

Inversamente, obtivemos a prova de que, se alguma vez quisermos conhecer puramente os seres em si, ser-nos-á necessário separar-nos dele e encarar por intermédio da alma em si mesma os entes em si mesmos. Só então é que, segundo me parece, nos há de pertencer àquilo que nos declaramos amantes: a sabedoria. Sim, quando estivermos mortos, tal como o indica o argumento, e não durante nossa vida!

Conforme Santos e Incontri, Sócrates e Platão defendem que aqueles que exercem as virtudes e cultivam o bem ao longo da existência nada têm a temer em relação à morte⁴. Nessa concepção, a vida deve ser orientada por princípios éticos e morais, pois a conduta adotada durante a existência influencia o destino da alma. Dessa forma, a prática das virtudes representa não apenas um ideal ético, mas também uma preparação para a morte.

2.1 A Morte como libertação da alma

De acordo com Santos, na filosofia clássica, Sócrates e Platão desenvolveram uma das concepções mais influentes acerca da morte, compreendendo-a não como o fim da existência, mas como a libertação da alma em relação ao corpo¹. Para esses filósofos, o ser humano é constituído por corpo e alma, sendo esta imortal e destinada a continuar existindo após a morte. Assim, morrer não significa deixar de existir, mas permitir que a alma se desprenda da matéria e alcance uma realidade superior, marcada pelo verdadeiro conhecimento.

O autor destaca ainda que Sócrates acreditava na possibilidade de reencontro entre aqueles que conviveram durante a vida terrena, preservando-se a memória dos vínculos construídos por meio da amizade, do afeto ou mesmo da inimizade.

Segundo Santos, tanto Sócrates quanto Platão defendiam a independência da alma em relação ao corpo, sua sobrevivência após a morte e, inclusive, a possibilidade de retornar a um novo corpo¹. Nessa compreensão, a morte não representa a extinção da existência, mas um processo de libertação da alma, permitindo-lhe alcançar um conhecimento mais amplo e verdadeiro. Ao analisar a filosofia grega, Vaz destaca que as reflexões sobre a morte ocuparam lugar de destaque desde os filósofos pré-socráticos⁶. Questões relacionadas à origem da vida, à transformação da matéria, ao nascimento, à morte e ao destino da alma despertaram o interesse de diferentes escolas filosóficas. Segundo o autor, foi com Sócrates e, posteriormente, com Platão que a morte passou a ser compreendida como um acontecimento intimamente

relacionado à busca da verdade, da virtude e da sabedoria. Embora Sócrates não tenha deixado escritos próprios, seu pensamento foi preservado principalmente por meio dos diálogos de Platão. Para Vaz, a serenidade demonstrada pelo filósofo diante de sua condenação tornou-se um dos maiores exemplos da filosofia antiga⁶. Ao aceitar a sentença sem renunciar aos próprios princípios, Sócrates evidenciou que o verdadeiro filósofo não deve temer a morte, pois a compreende como a separação entre a alma e o corpo e como condição para alcançar a verdadeira sabedoria. Sua postura transformou-se em um modelo de coerência ética, fidelidade à verdade e compromisso com a filosofia, exercendo profunda influência sobre o pensamento filosófico ocidental.

2.2 A Morte como ausência de sensações

Na interpretação de Schumacher, Epicuro compreendia que tanto o corpo quanto a alma são constituídos por átomos⁷. Com a morte, esses átomos se desagregam e retornam à natureza, fazendo cessar definitivamente as sensações, as percepções, os prazeres e os sofrimentos. Assim, o indivíduo deixa de existir como sujeito consciente, tornando-se incapaz de experimentar qualquer forma de dor. Por essa razão, a morte não deve ser considerada um mal.

Segundo Schumacher, Epicuro afirma que "a morte não é nada para nós", pois todo bem e todo mal dependem da capacidade de sentir⁷. Como a morte corresponde à completa ausência de sensações, ela não pode representar sofrimento para quem morreu. Nessa concepção, o medo da morte resulta de falsas crenças e da imaginação humana, e não da própria morte. Libertar-se desse temor constitui, portanto, uma condição essencial para alcançar uma vida serena e feliz.

Essa compreensão é apresentada na *Carta a Meneceu*, na qual Epicuro afirma⁸:

"[...] a morte para nós não é nada, visto que todo mal reside nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações. A consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade."

A partir dessa perspectiva, Epicuro defende que compreender a morte como ausência absoluta de sensações permite ao indivíduo libertar-se da ansiedade diante do futuro e valorizar a existência presente. Em vez de viver dominado pelo temor da morte, o ser humano deve orientar sua vida pela prudência, pela amizade, pela moderação e pela serenidade.

Schumacher ressalta que Lucrécio, principal divulgador do epicurismo na Roma Antiga, ampliou essa concepção ao reafirmar que corpo e alma são constituídos por átomos e, por isso, se dissolvem com a morte⁷. Como consequência, cessam a consciência, os prazeres, os sofrimentos e todas as formas de percepção. Dessa forma, não existe um sujeito capaz de experimentar dor após a morte, razão pela qual não há fundamento para temê-la.

Na mesma direção, Lucrécio sustenta que o medo da morte decorre da ignorância sobre a natureza humana e das crenças supersticiosas relacionadas à existência de punições após a morte⁹. Libertar-se desse medo significa reconhecer a morte como um fenômeno natural, vivendo de maneira mais livre, racional e tranquila.

Epicuro reforça esse entendimento ao afirmar que nada existe de terrível na vida para quem compreende que também não há nada de terrível em deixar de viver⁸. Enquanto estamos vivos, a morte ainda não chegou; quando ela chega, já não existimos para experimentá-la. Por isso, o filósofo afirma que a morte "não é nada nem para os vivos, nem para os mortos"⁸. Ao aprofundar essa reflexão, Epicuro acrescenta:

"[...] é insensato aquele que diz temer a morte, não porque ela o aflija quando sobrevier, mas porque o aflige prevê-la"⁸.

Esse argumento evidencia que o sofrimento humano decorre, sobretudo, da antecipação imaginária da morte e não da experiência da morte em si.

Libertar-se desse temor significa eliminar uma das principais fontes de inquietação da existência. Para Epicuro, a felicidade depende fundamentalmente da tranquilidade da alma e da ausência de sofrimento¹⁰. O prazer verdadeiro não está nos excessos, mas na eliminação da dor física e da perturbação espiritual. Sob essa perspectiva, a morte não pode ser considerada um mal, pois, com o

desaparecimento da consciência, também desaparece qualquer possibilidade de sofrimento.

Lucrécio amplia essa reflexão ao comparar a inexistência posterior à morte com o período anterior ao nascimento⁹. Assim como ninguém sofre por não ter existido antes de nascer, também não há motivo para temer a inexistência após a morte. A ausência de consciência torna impossível qualquer experiência de dor, perda ou privação.

Ao comentar essa concepção, Schumacher explica que Lucrécio utiliza a analogia do sono profundo para demonstrar que a morte não representa uma perda para quem morreu, uma vez que não existe um sujeito capaz de experimentar a ausência dos bens da vida⁷. Desse modo, o temor da morte nasce da imaginação humana e das falsas crenças acerca do que acontece após o fim da existência.

Finalmente, Lucrécio compreende a morte como parte do ciclo permanente da natureza¹¹. A matéria não é destruída, mas apenas transformada, permitindo o surgimento de novas formas de vida. Nessa perspectiva, a morte deixa de representar um fim absoluto para integrar o movimento contínuo do universo.

2.3 A preparação para a morte como aprendizado da vida

Sêneca sustenta que a arte de viver está intimamente relacionada à arte de morrer, pois aprender a morrer faz parte do próprio aprendizado da vida¹². Para o filósofo, refletir sobre a morte permite libertar o ser humano do medo que frequentemente o acompanha. Muitas pessoas vivem como se fossem imortais e, por não reconhecerem a própria fragilidade, deixam de perceber quanto tempo já passou e quanto dele foi desperdiçado.

Quantos não terão esbanjado tua vida, sem que percebessem o que estavas perdendo; o quanto de tua vida não subtraíram sofrimentos desnecessários, tolos contentamentos, ávidas paixões, inúteis conversações, e quão pouco não te restou do que era teu!¹².

Na concepção de Sêneca, a morte não deve ser encarada como motivo de terror, mas compreendida como um acontecimento natural e inevitável da existência¹². A consciência da finitude favorece uma vida mais prudente, virtuosa e significativa, conduzindo o indivíduo a valorizar o tempo presente. Nesse aspecto, seu pensamento aproxima-se do epicurismo ao defender que a morte não representa um mal para quem morreu, uma vez que já não existe um sujeito capaz de experimentar seus efeitos.

Schumacher observa que essa argumentação retoma uma das principais ideias de Epicuro, segundo a qual o medo da morte carece de fundamento racional, pois pressupõe a existência de alguém que possa sofrer após deixar de existir⁷. Assim, a inquietação humana decorre mais da antecipação imaginária da morte do que da morte propriamente dita.

Ao analisar a tradição estoica, Vaz destaca que Sêneca relaciona a reflexão sobre a morte à maneira como a vida é conduzida⁶. Para o autor, o filósofo recupera o ideal da moderação ao afirmar que muitas pessoas consideram a vida curta porque não a aproveitam de forma consciente, desejando prolongá-la quando percebem o tempo perdido. Dessa forma, a morte deixa de ser um motivo de temor para tornar-se um convite à sabedoria, à prudência e ao uso responsável do tempo.

Schumacher ressalta que Cícero também se dedicou à reflexão sobre a morte, questionando se ela poderia, de fato, ser considerada um mal⁷. Segundo o filósofo romano, quem morreu já não pode ser privado dos bens da vida nem experimentar qualquer sofrimento, pois deixou de existir como sujeito consciente. Essa compreensão é expressa na seguinte passagem:

[...] retrucar que o mal da morte consiste justamente de “ser privado de sentimentos” e teríamos, por razão, se a privação de sentimentos significasse ausência de sentimento. Mas como o próprio sujeito, uma vez morto, deixou de existir, como conceber que ele se acha diante de um mal quando não existe nenhum substrato para “sofrer” com esse mal para sentir uma falta de privação?⁷.

Conforme Vaz, o pensamento de Cícero aproxima-se tanto do estoicismo quanto da tradição platônica, especialmente ao defender

racionalmente a imortalidade da alma e compreender a filosofia como preparação para a morte⁶. Nessa perspectiva, viver virtuosamente significa preparar-se para enfrentar a finitude com serenidade.

Essa compreensão aparece de forma explícita quando Cícero questiona: "Se retornar para o lugar de onde se vem, que há de cruel nisto?"¹³. Para o filósofo, quem não aprende a morrer também não aprende plenamente a viver. Ao refletir sobre a inevitabilidade da morte, Cícero afirma que aquele que reconhece sua condição mortal enfrenta os acontecimentos da vida com maior equilíbrio, pois compreende que a finitude faz parte da existência humana¹³. Antecipar racionalmente essa realidade não elimina a dor das perdas, mas reduz o impacto do inesperado e fortalece a serenidade diante das adversidades.

Assim, tanto Sêneca quanto Cícero compreendem que a consciência da morte não deve paralisar o ser humano, mas orientá-lo na construção de uma vida mais sábia e virtuosa. A finitude deixa de ser apenas o término da existência para tornar-se um princípio orientador da própria maneira de viver, estimulando o uso consciente do tempo e o cultivo das virtudes.

2.4 A morte, a alma e a continuidade da existência

Após as reflexões desenvolvidas por Cícero, outros filósofos continuaram investigando a natureza da morte e suas implicações para a existência humana. Entre eles, Plutarco dialoga criticamente com o pensamento de Epicuro, apresentando objeções que, posteriormente, seriam retomadas por filósofos analíticos contemporâneos.

Segundo Schumacher, Plutarco questiona a tese epicurista de que a morte corresponde à dissolução definitiva entre corpo e alma e, consequentemente, à completa ausência de sensações⁷. Se assim fosse, argumenta o filósofo, nenhum bem, mal, prazer ou sofrimento poderia atingir aquele que morreu, uma vez que tais experiências pressupõem a existência de um sujeito consciente.

Nessa perspectiva, o verdadeiro temor não reside na morte em si, mas na possibilidade de deixar de existir, de perder a própria identidade e tudo aquilo

que confere significado à vida. Como observa Schumacher, o medo da morte está relacionado à "perda do 'eu', do desaparecimento do sujeito, e, para aquele que é feliz, ao de ser privado de seus bens"⁷.

Enquanto Plutarco desenvolve essa crítica ao epicurismo, Santo Agostinho aborda a morte sob uma perspectiva cristã profundamente influenciada pelo pensamento platônico¹⁴. Para o filósofo, a morte integra a própria condição humana e acompanha toda a existência, independentemente de o indivíduo reconhecer ou não sua inevitabilidade. O ser humano vive permanentemente orientado para sua finitude e, justamente por essa consciência, experimenta a angústia diante da possibilidade de morrer.

Embora Agostinho defenda a imortalidade da alma, ele compreende que a morte não pode ser reduzida simplesmente a um bem ou a um mal¹⁴. Ela representa a separação entre corpo e alma e inaugura uma nova condição da existência. Sob essa perspectiva, o medo da morte não decorre apenas do acontecimento em si, mas da possibilidade de perder a vida terrena, os vínculos construídos ao longo da existência e o mundo conhecido.

Desse modo, Agostinho entende que a angústia diante da morte nasce da consciência da finitude e do desejo humano de permanecer existindo¹⁴. A esperança na continuidade da alma não elimina completamente esse temor, mas oferece uma compreensão da morte que ultrapassa os limites da existência material e atribui novo significado ao destino humano.

2.5 Filosofar como preparação para morrer

Montaigne retoma e reelabora reflexões presentes na filosofia antiga, especialmente nos pensamentos de Epicuro, Lucrécio, Sêneca e Cícero, para refletir sobre a relação entre vida e morte. Em sua compreensão, a vida não constitui, por si mesma, um bem ou um mal; seu verdadeiro valor depende da maneira como é vivida¹⁵.

Schumacher observa que outros pensadores, entre eles Feuerbach, também retomaram a tese epicurista da exclusão recíproca entre vida e morte⁷. Segundo essa compreensão, o indivíduo não experimenta a própria morte, pois

ela somente pode ser vivenciada pelos que permanecem vivos. A partir dessa perspectiva, Montaigne afirma que filosofar significa aprender a morrer, entendendo que a sabedoria consiste em libertar o ser humano do medo da morte¹⁵.

"[...] Na guarda, esperemo-la em toda parte. Meditar sobre a morte é meditar sobre a liberdade; quem aprendeu a morrer, desaprendeu de servir; nenhum mal atingirá quem na existência compreendeu que a privação da vida não é um mal; saber morrer nos exime de toda sujeição e constrangimento."¹⁵.

Para Montaigne, ninguém é capaz de prever os inúmeros acontecimentos que podem conduzir à morte¹⁵. Como não é possível conhecer o momento nem a forma pela qual ela ocorrerá, o ser humano deve preparar-se para aceitá-la como parte natural da existência. Refletir continuamente sobre a finitude não significa viver dominado pelo medo, mas reconhecer que a liberdade também nasce da aceitação da condição humana.

Ao desenvolver essa reflexão, o filósofo demonstra que pensar sobre a morte é, sobretudo, uma forma de valorizar a própria vida. A finitude confere significado ao tempo vivido, tornando cada experiência única e irrepetível. Nesse sentido, afirma:

"Meditai sobre isso enquanto o podeis fazer, pois depende de vós e não do número de anos, terdes vivido bastante."¹⁵.

Montaigne argumenta que a morte não deve ser considerada um acontecimento extraordinário ou assustador, pois ocorre apenas uma vez¹⁵. Assim como ninguém lamenta não ter existido antes do nascimento, também não há razão para temer a inexistência após a morte. Essa compreensão aparece quando afirma:

Nossa vinda ao mundo foi para nós a vinda de todas as coisas; nossa morte será a morte de tudo. Lastimar não mais viver dentro de cem anos é tão absurdo quanto lamentar não ter nascido um século antes. A morte é a origem de outra vida. Nascermos entre lágrimas e muito nos causou entrar na vida atual; passando para uma nova vida despojando-nos do que fomos na precedente. Não pode ser grave uma coisa que acontece uma só vez; será razoável recear com tanta antecedência acidente de tão curta duração? Em relação à morte, viver pouco ou muito é a mesma coisa, pois nada é longo ou curto quando deixa de existir¹⁵.

Segundo Vaz, o pensamento de Montaigne resulta da convergência entre diferentes tradições filosóficas, especialmente da filosofia clássica e do humanismo renascentista⁶. Inspirado em autores como Epicuro, Lucrécio, Sêneca e Cícero, o filósofo compreende a morte como um acontecimento natural e inevitável, que não deve ser encarado com temor. Aprender a morrer significa, sobretudo, aprender a viver, reconhecendo a finitude como condição para valorizar o tempo presente, exercer a liberdade e conduzir a existência com prudência e serenidade. Desse modo, a filosofia assume a função de libertar o ser humano do medo da morte e de favorecer uma vida mais consciente, autêntica e virtuosa.

2.6 O Desespero e a condição humana

Kierkegaard compreende o ser humano como uma síntese entre finito e infinito, temporal e eterno, liberdade e necessidade¹⁶. Nessa perspectiva, o desespero não corresponde simplesmente à tristeza ou ao desejo consciente de morrer, mas à incapacidade do indivíduo de estabelecer uma relação autêntica consigo mesmo. Trata-se de uma condição própria da existência humana, relacionada à dificuldade de tornar-se verdadeiramente quem se é.

O filósofo denomina o desespero de "doença mortal". Entretanto, essa expressão não se refere a uma enfermidade capaz de provocar a morte física. Ao contrário, designa uma condição existencial na qual o indivíduo deseja libertar-se de si mesmo, mas permanece impossibilitado de fazê-lo. Quanto mais tenta romper essa relação, mais intensamente permanece preso a ela. Por essa razão, Kierkegaard descreve o desespero como um processo contínuo de morrer sem jamais alcançar o fim¹⁶. "Para que se morresse de desespero como duma doença, o que há de eterno em nós, no eu, deveria poder morrer, como o corpo morre de doença. Ilusão! No desespero, o morrer continuamente se transforma em viver"¹⁶.

Ao desenvolver sua reflexão, Kierkegaard aproxima-se de Sócrates ao afirmar que a doença da alma, representada pelo pecado, não possui poder para destruir aquilo que existe de eterno no ser humano¹⁶. Da mesma forma, o

desespero não é capaz de aniquilar o eu, embora o atinja profundamente. É justamente nessa contradição que reside sua característica mais marcante: o sofrimento é permanente, mas nunca conduz ao desaparecimento definitivo da existência. Essa compreensão é sintetizada pelo filósofo ao afirmar:

O desespero é um doente de morte. Mais do que em nenhuma outra enfermidade, é o mais nobre do eu que nele é atacado pelo mal, mas o ser humano não pode morrer dela. A morte não é neste caso o termo da enfermidade: é um termo interminável¹⁶.

Segundo Kierkegaard, a condição humana é marcada por essa tensão permanente entre viver e morrer¹⁶. Embora o desespero desperte o desejo de escapar da própria existência, ele não conduz ao seu desaparecimento. Ao contrário, obriga o indivíduo a confrontar continuamente a si mesmo, produzindo aquilo que o filósofo descreve como uma espécie de "morte em vida", caracterizada pelo afastamento do verdadeiro eu.

Seja por uma existência voltada exclusivamente aos prazeres imediatos, seja por uma vida excessivamente rígida e regrada, o ser humano permanece, em maior ou menor grau, submetido àquilo que Kierkegaard denomina doença mortal. O desespero, portanto, revela não apenas a fragilidade da condição humana, mas também a dificuldade de reconciliar liberdade, finitude e existência.

2.8 A Morte como Possibilidade Constitutiva da Existência

Schopenhauer compreende que a morte encerra a existência fenomênica do indivíduo, mas não extingue à vontade, entendida como a essência metafísica da vida¹⁷. Ao refletir sobre a relação entre nascimento e morte, o filósofo observa que ambos constituem momentos inseparáveis da existência humana, embora produzam efeitos distintos: o nascimento inaugura a individualidade, enquanto a morte encerra sua manifestação.

Segundo o filósofo, o medo da morte está relacionado, sobretudo, à destruição do organismo e à perda da individualidade. Como o ser humano tende a identificar sua existência com o corpo e com a consciência individual, a

proximidade da morte desperta sentimentos de angústia e insegurança. Sobre essa relação entre morte e filosofia, Schopenhauer afirma:

[...] Não é o oposto da vida, mas é um acontecimento complementar que a define. O homem como vida é ser para a morte. Refletir sobre esta é lançar a luz sobre o viver e a natureza íntima das coisas, do mundo em geral como reflexo especular da vontade, mero ímpeto cego para a existência. Daí poder-se dizer-se: a morte é 'musa' da filosofia; 'difícilmente teria filosofado' sem ela. Se o animal fruir imediatamente toda a mortalidade da espécie, sem qualquer angústia diante do futuro, o homem nasceu, com a faculdade racional que o animal não possui, a certeza amedrontadora da mortalidade¹⁸.

Nessa perspectiva, a consciência da morte distingue o ser humano dos demais animais. Enquanto estes vivem orientados pelos instintos, o homem possui a capacidade de antecipar racionalmente a própria finitude, característica que faz da morte uma das principais preocupações da existência humana.

Schopenhauer sustenta que o temor da morte independe do conhecimento racional, sendo uma manifestação originária da própria vontade de viver¹⁸. Para explicar essa ideia, o filósofo compara o comportamento humano ao dos animais, que, mesmo sem compreender intelectualmente o significado da morte, procuram preservar a própria vida e afastar-se de qualquer ameaça. Essa reflexão é sintetizada quando afirma: “Esse temor da morte *a priori* é, entretanto, justamente apenas o reverso da vontade de viver, que nós todos somos”¹⁸.

Segundo Schopenhauer, todo ser vivo manifesta um impulso natural de conservação¹⁸. Por isso, diante de qualquer situação que represente risco à sobrevivência, tanto os animais quanto os seres humanos procuram proteger-se. O medo da morte, portanto, não decorre apenas da razão, mas expressa a própria vontade de viver, princípio fundamental que impulsiona toda forma de existência.

Assim, embora a consciência da finitude intensifique a angústia humana, ela também revela a força da vontade que sustenta a vida. Para Schopenhauer, o medo da morte não constitui uma fraqueza, mas uma expressão da essência da própria existência, marcada pelo permanente impulso de conservar-se.

2.9 Angústia, medo e consciência da finitude

Heidegger compreende a morte como a possibilidade mais própria da existência humana. Ao desenvolver o conceito de ser-para-a-morte, o filósofo afirma que a finitude não representa apenas o término da vida, mas uma condição constitutiva da própria existência¹⁹. Desde o nascimento, o ser humano encontra-se lançado em uma trajetória que inevitavelmente conduz à morte, tornando-a uma possibilidade permanente da condição humana.

Sob essa concepção, morrer não corresponde apenas ao acontecimento biológico que encerra a vida, mas constitui uma dimensão que acompanha continuamente a existência. A cada escolha realizada e a cada possibilidade abandonada, o indivíduo experimenta diferentes formas de perda e transformação, reconhecendo que viver implica também renunciar a inúmeras possibilidades.

Nesse sentido, Aiub amplia essa reflexão ao afirmar que, ao longo da vida, o ser humano vivencia diferentes experiências de ruptura que simbolizam pequenas mortes existenciais²⁰. Projetos interrompidos, sonhos não concretizados e mudanças inesperadas fazem parte da trajetória humana e exigem constantes processos de reconstrução.

[...] Às vezes morremos em vida? Quantos projetos abortados? Em um primeiro momento a morte nos atinge, congela, impede. Mas assim que vivemos nosso luto, que choramos nossos sonhos mortos, nossa vida surge: novos planos, novas possibilidades, às vezes, melhores que as anteriores²⁰.

Ao comentar o pensamento de Heidegger, Aiub observa que, embora a morte seja inevitável, o ser humano procura constantemente preservar a vida, investindo em tratamentos, pesquisas e recursos capazes de ampliar sua permanência no mundo²⁰.

[...] lutamos contra as limitações que nos são impostas, buscamos todos os meios possíveis para preservar a vida, o investimento em medicamentos, as pesquisas sobre formas de ampliar os limites da vida são frequentemente buscados pela sociedade²⁰.

Na interpretação fenomenológica de Heidegger, o ser humano não pode ser compreendido como um objeto isolado, mas como um ser-no-mundo, permanentemente relacionado consigo mesmo, com os outros e com o mundo em que vive¹⁹. É justamente nessa relação que se manifesta sua condição de ser-para-a-morte, compreendida como a possibilidade mais própria, individual e inevitável da existência.

Abdala ressalta que o ser-aí (Dasein) não é definido por características fixas, mas pelo conjunto de possibilidades que constrói ao longo da existência²¹.

[...] Define pela quiddidade de algo simplesmente dado, mas pelo modo de ser de um quem em permanente vinculação ontológica com o mundo. É o poder ser de cada um de nós, entes humanos que realizamos a partir da indeterminação profunda de nosso ser, projetando-nos em um universo de múltiplas possibilidades, diante das quais fazemos as escolhas que enfatizam nossas existências²¹.

Desse modo, existir significa projetar-se continuamente em possibilidades. Entretanto, todas elas encontram seu limite na morte, que representa a impossibilidade de novas escolhas. Por essa razão, Heidegger compreende a morte como a possibilidade mais própria do Dasein, pois ninguém pode morrer no lugar de outro.

Ao discutir essa condição existencial, Heidegger observa que, no cotidiano, a morte costuma ser tratada como um acontecimento distante, pertencente sempre aos outros²². O discurso impessoal expresso na ideia de que:

Algum dia se morre, mas por enquanto ainda não" contribui para afastar o indivíduo da consciência de sua própria finitude.[...] É certa e, com isso, implanta-se na presença, a aparência de que se está certo da própria morte. E onde se acha o fundamento do estar-certo cotidiano? Manifestamente ele não reside numa persuasão recíproca. Cotidianamente, faz-se a experiência do 'morrer' dos outros. A morte é um incontestável 'fato da experiência'²².

Para Heidegger, o Dasein compartilha o mundo com outros seres humanos, estabelecendo relações que influenciam continuamente sua maneira de existir¹⁹. Contudo, apesar dessa convivência, a morte permanece uma experiência absolutamente singular e intransferível. É justamente essa

singularidade que torna possível uma existência mais autêntica, pois obriga o indivíduo a reconhecer seus limites e assumir a responsabilidade por suas próprias escolhas.

Ao compreender a morte como possibilidade permanente da existência, Heidegger desloca o foco da reflexão filosófica do acontecimento final para o modo como cada pessoa vive sua própria finitude. Assim, o ser-para-a-morte não significa viver esperando o fim, mas reconhecer que a consciência da mortalidade pode orientar uma existência mais autêntica, responsável e comprometida com as escolhas realizadas ao longo da vida.

2.10 A morte e o absurdo da existência

Camus aborda a morte em estreita relação com a angústia, a liberdade, a revolta e o absurdo da existência. Em sua filosofia, o absurdo não se encontra exclusivamente no mundo nem apenas no ser humano, mas surge do confronto entre o desejo humano de encontrar sentido para a existência e o silêncio de um universo que não oferece respostas definitivas.

Nessa compreensão, a morte intensifica a experiência do absurdo ao evidenciar os limites da condição humana. Ela interrompe projetos, desfaz expectativas e revela a impossibilidade de alcançar certezas sobre o sentido da vida. Entretanto, para Camus, reconhecer essa realidade não significa adotar uma postura de resignação ou desesperança, mas assumir a existência de maneira lúcida e consciente. Ao refletir sobre essa condição, o filósofo afirma que: "O absurdo nasce desse confronto entre o chamamento humano e o desrazoável silêncio do mundo."²³.

A partir desse entendimento Camus sustenta que o ser humano busca permanentemente ordem, unidade e significado para sua existência²³. Contudo, depara-se com um mundo indiferente às suas expectativas, no qual não existem respostas definitivas para questões fundamentais, como o sentido da vida, da morte ou do sofrimento. É justamente dessa tensão que nasce o absurdo.

A morte ocupa posição central nessa reflexão porque evidencia o caráter limitado da existência humana. Ao interromper todos os projetos e

possibilidades, ela coloca o indivíduo diante da necessidade de reconhecer sua própria finitude. Ainda assim, Camus rejeita qualquer tentativa de recorrer a explicações transcendentais para eliminar essa condição. Em vez disso, propõe que o ser humano enfrente o absurdo com lucidez, preservando sua liberdade e assumindo a responsabilidade por suas escolhas. Essa compreensão é desenvolvida em *O mito de Sísifo*, obra em que o filósofo afirma:

Chego finalmente à morte e ao sentimento que dela possuímos. Sobre isso, tudo foi dito e é uma questão de decência evitar o patético. Nunca, porém, nos espantaremos suficientemente com o fato de toda a gente viver como se 'ninguém soubesse'. É, que, na realidade, não há experiência da morte. No sentido próprio, só aquilo que foi vivido e tornado consciente, foi experimentado. Mas é possível falar-se da experiência da morte dos outros. É um sucedâneo, uma visão do espírito, e nunca ficamos muito convencidos. Esta convenção melancólica não pode ser persuasiva. Na realidade, o horror vem do lado matemático, a solução vem depois²³.

Ao analisar essa passagem, observa-se que Camus distingue a morte como fato inevitável da impossibilidade de experimentá-la diretamente. O ser humano conhece apenas a morte do outro, jamais a própria. Assim, a morte permanece um limite da experiência e, ao mesmo tempo, um dos maiores desafios da reflexão filosófica.

Embora reconheça o absurdo da existência, Camus não conclui que a vida seja destituída de valor. Ao contrário, sustenta que a ausência de um sentido absoluto não impede a construção de sentidos humanos. A consciência da finitude torna-se, portanto, um convite para viver de forma mais livre, responsável e autêntica, sem recorrer a ilusões que ocultem a realidade da condição humana. Nesse sentido, a revolta proposta por Camus não representa uma negação da vida, mas uma afirmação da existência diante da certeza da morte. Reconhecer o absurdo significa aceitar os limites da condição humana e, ainda assim, continuar vivendo, escolhendo e atribuindo significado às próprias experiências. A liberdade nasce justamente dessa consciência, permitindo que o indivíduo assuma sua existência com dignidade e responsabilidade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os filósofos analisados oferecem diferentes caminhos para compreender a existência e a finitude. A relação entre morte e filosofia permite interpretar os significados atribuídos ao morrer e reconhecer seus efeitos sobre o modo de viver. Embora a inquietação diante da morte não seja exclusiva da filosofia, o pensamento filosófico fornece conceitos importantes para compreender a condição humana e a construção de sentidos para a existência. As concepções filosóficas analisadas demonstram que a morte pode receber diferentes interpretações.

Para Sócrates e Platão, ela representa a libertação da alma; para Epicuro e Lucrecio, corresponde à ausência de sensações e não deve ser temida; para Sêneca, Cícero e Montaigne, refletir sobre a morte possibilita aprender a viver; para Kierkegaard, a finitude relaciona-se ao desespero e às contradições do ser humano; para Schopenhauer, o medo da morte manifesta a vontade de viver; em Heidegger, a morte constitui a possibilidade mais própria da existência; e, para Camus, evidencia o absurdo da condição humana.

Apesar das diferenças existentes entre essas perspectivas, todas reconhecem que a consciência da morte influencia a maneira como o ser humano compreende a si mesmo, organiza suas escolhas e atribui sentido à vida. A morte não representa apenas um acontecimento biológico ocorrido no final da existência, mas uma realidade que acompanha o indivíduo e revela seus limites, sua temporalidade e sua vulnerabilidade.

Conclui-se que refletir sobre a finitude não significa negar ou desvalorizar a vida. Ao contrário, a consciência de que o tempo é limitado pode favorecer uma existência mais responsável, autêntica e significativa. Dessa forma, a filosofia contribui para compreender o morrer, enfrentar o medo da morte e reconhecer o valor da vida em sua condição finita.

REFERÊNCIAS

1. Santos FS. Tanatologia: a ciência da educação para a vida. In: Santos FS, organizador. A arte de morrer: visões plurais. Bragança Paulista (SP): Comenius; 2009. v. 2. p. 13-36.
2. Luper S. A filosofia da morte. São Paulo: Madras; 2010.
3. Tonnetti F, Meucci A. Miniensaíes de filosofia: amor, existência e morte. Petrópolis (RJ): Vozes; 2013.
4. Santos FS, Incontri D. Educação para a vida e para a morte: do ensino fundamental à universidade. In: Santos FS, organizadores. A arte de morrer: visões plurais. Bragança Paulista (SP): Comenius; 2010. v. 3. p. 15-29.
5. Platão. Fédon. In: Platão. Diálogos. São Paulo: Abril Cultural; 1979. (Coleção Os Pensadores).
6. Vaz L. A simulação da morte: versão e aversão de Montaigne. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: UFMG; 2011.
7. Schumacher BN. Confrontos com a morte: a filosofia contemporânea e a questão da morte. São Paulo (SP): Loyola; 2009.
8. Epicuro. Carta sobre a felicidade (A Meneceu). São Paulo: UNESP; 2002.
9. Lucrécio. Da natureza. In: Lucrécio; Cícero; Sêneca; Marco Aurélio. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural; 1985. (Coleção Os Pensadores).
10. Epicuro. Antologia de textos. São Paulo: Abril Cultural; 1985. (Os Pensadores).
11. Lucrécio. De rerum natura. João Pessoa: Ideia; 2020. Livro II.
12. Sêneca LA. Da brevidade da vida. São Paulo: Nova Alexandria; 1995.
13. Cícero MT. Da velhice; Da amizade. São Paulo: Abril Cultural; 1985. (Os Pensadores).
14. Agostinho, Santo. A cidade de Deus. São Paulo: Abril Cultural; 1980. (Os Pensadores).
15. Montaigne M. Ensaios. [Referência bibliográfica completa não informada no arquivo original]. 2000.

16. Kierkegaard S. O desespero humano (A doença para a morte). São Paulo: Livraria Exposição do Livro; 1961.
17. Schopenhauer A. Sobre a morte: pensamentos e conclusões sobre as últimas coisas. Ziegler E, organizador. Tradução de Karina Jannini. Revisão técnica de Daniel Quaresma F Soares. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes; 2020.
18. Schopenhauer A. Metafísica do amor, metafísica da morte. Tradução de Jair Barbosa. Revisão técnica de Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola. São Paulo: Martins Fontes; 2000.
19. Heidegger M. Ser e tempo. 7. ed. Petrópolis: Vozes; 2012.
20. Aiub M. A filosofia clínica e a morte. São Paulo: Paulus; 2014.
21. Abdala M. A morte em Heidegger: uma interpretação fenomenológica da finitude. São Paulo: Loyola; 2017.
22. Heidegger M. Ser e tempo. 2. ed. Petrópolis: Vozes; 1998.
23. Camus A. O mito de Sísifo. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record; 1941.